

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO



ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospicio 85

Preço da assignatura por mez

Para a Corte..... 1\$000
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A DESFORRA DE UM DEFUNTO

PROLOGO

I

Na epocha em que começa esta narração, havia no presidio de Brest, onde se achava desde alguns meses antes, um galé de nome Jorge Didier, a cujo respeito se espalhara no sinistro estabelecimento uma especie de lenda.

A sua chegada tinha excitado excepcional curiosidade.

Sabia-se que elle pertencia a uma classe elevada da sociedade, e afirmava-se que havia assassinado um certo conde de Kerdrel, para roubar-lhe uma carteira contendo duzentos mil francos.

Jorge Didier seria realmente culpado desse crime?

Não teria sido antes vítima de algum desses erros judiciarios que, de tempos a tempos, se dão nos annaes da justiça criminal?

A duvida pairava sobre esse mysterioso facto, e não era no presidio que se podia fazer a revisão do julgamento que o condemnara.

Era elle um homem ainda moco, de alta estatura, physionomia energica, e cujo olhar ardente ás vezes se illuminava de fulvos lampejos.

Vivia retirado, para bem dizer, sem communicação com os seus companheiros de infamia.

Fallava pouco; caminhava de um para outro lado sempre sombrio, feroz, parecendo aferrar-se a uma idéa obstinada que não o abandonava.

Logo no dia de sua chegada a Brest, Jorge Didier fora atacado pela enfermidade endemica do presidio, — a febre da evasão.

A morte parecia-lhe cem vezes preferivel á existencia que o aguardava.

O companheiro a que estava acorrentado, aquella insupportavel promiscuidade de todos os momentos, que lhe era imposta, revoltavam a delicadeza e elevação de sentimentos que subsistiam nelle.

Estava, pois, resolvidissimo a livrar-se, por meio da fuga, ou por meio da morte, ao futuro de infamia que lhe estava reservado!

A historia de sua condemnação era estranha, quasi inverosimil...

Alguns annos antes, Didier ocupava em Pariz uma brilhante posição, por sua riqueza, que lhe permittia levar essa vida excentrica para a qual se sentem fatalmente arrastados os filhos-familia cuja infancia tem sido entregue um tanto ao acaso.

Tinha elle então trinta annos de idade, e seu pai, um dos mais ricos banqueiros da capital, não recusava cousa alguma á sua phantasias!

Entretanto um dia Jorge sentiu o vazio daquella existencia, e resolveu dar uma occupação mais séria ao seu espirito.

Saiu de Pariz e poz-se a viajar.

Foi a toda parte aonde o seu gosto o arrastou.

Primeiro que tudo, visitou o continente; depois, não lhe bastando mais a Europa, embarcou e se dirigiu para a America.

Foi assim que um dia chegou á Havana...

Devia tocar alli apenas de passagem... Ficou um anno.

Seu pai inquietou-se com tão longa demora em uma colonia onde elle não conhecia ninguem, e não tardou a saber que seu filho era detido na ilha de Cuba pelos mais bonitos olhos da mais bonita creoula que havia no mundo.

Era uma criancas, diziam; tinha apenas quinze annos. Chamava-se Clotilde d'Orvado e pertencia a uma familia hespanhola.

Jorge tinha visto Clotilde... e amára-a...

Que lhe importava que sua familia fosse rica ou que ella fosse pobre!

O seu pensamento era um unico: fazer-se amar por Clotilde; tinha apenas um fim: casar-se com ella.

Foram duas cousas faceis.

Porque, se o pai de Jorge havia pedido informações acerca dos pais de Clotilde, estes, por seu lado, não se haviam descuidado de informar-se acerca da posição de Jorge.

Sabiam, portanto, que o moco era rico... e quando elle fez o pedido, foi este imediatamente aceito.

O casamento foi celebrado com as mais esplendidas festas.

Viva satisfação irradiava na fronte da moça... Indizivel era o contentamento que luzia nos olhos do noivo.

O que mais dizer?

A felicidade dos dous esposos parecia immensa, e os votos da cidade inteira os acompanharam ao altar.

Ai! quem poderia acreditar então que o futuro reservava ao pobre Jorge provações medonhas?

A primeira dessas provações surpreendeu-o na sua lua de mel.

Uma carta, vinda de França, anunciou-lhe repentinamente que seu pai acabava de morrer, fulminado pela apoplexia... e que a sua presença em Pariz tornava absolutamente indispensavel.

O despertar foi doloroso.

Não havia que hesitar, cumpria-lhe partir, cumpria-lhe principalmente separar-se de sua esposa.

Um mez depois, chegava Jorge a Pariz, aonda Clotilde devia ir ter com elle dentro em breve, — era ao menos essa a sua crença.

Mas passaram-se os dias, decorreram semanas,

a moça espaçava todos os dias a sua partida, pretextando o medo do mar, o receio da fadiga, o pezar de abandonar seus excellentes pais, de quem nunca se havia separado.

Didier comprehendia tudo isso, mas estava impaciente e escrevia cartas apaixonadas, que enterneciam um coração de marmore.

Uma vez, chegou a annunciar a sua intenção bem assentada de ir buscar a esposa; e, ou porque essa carta fosse mais eloquente, ou porque quizessem evitar-lhe a fadiga de uma longa viagem, recebeu elle, pelo seguinte correio, uma resposta noticiando-lhe a proxima chegada de Clotilde.

Jorge beijou mil vezes a carta que lhe trazia essa boa nova, e, depois de ter mandado preparar o palacete em que habitava, para que ficasse inteiramente digno de receber a moça, tomou uma carroagem de posta e partiu para o Havre. Queria ser o primeiro a saudar de longe o navio que conduzia Clotilde para a França.

Afinal chegou o tão desejado dia, e uma manhã o paquete em que ia a Havaneza fez a sua entrada no porto do Havre.

Jorge estava no desembarque: a primeira, a unica pessoa que elle avistou no tombadilho foi a sua adorada Clotilde.

Por sua parte, tinha-o a moça reconhecido, e com a mão fez-lhe um signal affectuoso e terno.

Cinco minutos depois, os dous esposos estavam um junto do outro...

Passado o primeiro momento de effusão, Jorge se dispunha a levar sua mulher para o caes, quando esta deteve-o e, voltando-se para um individuo que se conservava á pouca distancia :

— Meu amigo, disse ella a Didier, consinta que lhe apresente o Sr. conde des Aiglades.... E' um amigo de minha familia, e o senhor ha de desejar, não é verdade? que seja tambem seu amigo.

Os dous homens, assim apresentados, cumprimentaram-se com uma certa frieza.

Didier dera um passo para o conde, e, estendendo-lhe a mão:

— Espero, disse esforçando-se por se mostrar amavel, que o Sr. conde nos dará a honra de visitar-nos algumas vezes.

O conde agradeceu, fez um profundo comprimento á moça, e dirigiu-se para o seu camarote a pretexto de cuidar das bagagens.

Didier já se havia afastado, levando sua mulher com a embriaguez de um aarento que acaba de encontrar de novo o seu thesouro.

No dia seguinte recolhia-se elle a Pariz, onde os dias e as noites passaram com vertiginosa rapidez...

A beleza de Clotilde causára sensação nos salões da capital: Didier tinha orgulho della.

Prestava-se condescendentemente a todos os seus caprichos.

A sua riqueza era immensa; seu amor era muito maior.

E depois Clotilde amava-o com tal abandono!... Havia na voz della tantos encantos, nos seus olhos tão quentes effluvios!...

Jorge deixava-se resvalar pelo declive sem indagar do que havia no fim.

Não tardou que o soubesse. Uma noite, quando elle se recolhia para casa, um homem, que estava á espera no vâo escuro de uma porta, atravessou-se-lhe na frente e apresentou-lhe uma carta.

— Que é isto? perguntou Didier admirado.
— Leia, respondeu o mysterioso individuo.
— Mas quem é o senhor?
— Isso não importa!
— Quero saber-o...
— Leia.

Didier estava quasi com medo: Possuia-se de vago presentimento.

Abriu a carta e leu:

«Sua mulher engana-o com o conde des Aiglades, com quem devia casar-se antes de ser sua esposa... Observe, e não lhe restará a menor duvida...»

Quando Didier acabou de ler, quiz interrogar o homem que lhe havia entregue a carta.

O homem tinha desapparecido!

II

Jorge foi então trancar-se no seu gabinete.

Tinha a cabeça e o peito em fogo; a suspeita lhe entrára no coração e queimava-o.

Que fazer?... Que acreditar?... em que suposição deter-se?

Era horrivel aquillo.

Clotilde!... enganal-o!...

Clotilde a quem elle amava tanto, por quem teria dado todo o seu sangue gotta á gotta, toda a sua vida dia por dia... Clotilde que, havia alguns meses, tinha-o tornado pai!

O misero derramou lagrimas ardentes sobre a sua felicidade despedagada, sobre as suas illusões perdidas.

Era elle, porém, já o dissemos, uma natureza energica, e, depois que chorou muito, ergueu a cabeça resoluto e firme, refreiou o seu desespero e preparou-se para a luta.

No dia seguinte, nenhum signal denunciava no seu rosto as tempestades da noite passada em vigilia. Quando tornou a vér Clotilde, teve animo para sorrir-lhe, quando tornou a encontrar o conde, teve a coragem de estender-lhe a mão.

Oito dias decorreram assim, oito dias, durante os quaes elle não cessou de espreitar a presa.

Ao cabo desse tempo, conhecia toda a extensão da sua desgraça.

Então não hesitou mais...

A injuria pedia sangue, e uma manhã foi elle procurar o conde des Aiglades.

O conde levava uma existencia bastante problematica.

Não se lhe conhecia riqueza, e no entanto, aparentemente, despendia elle sommas consideraveis.

Frequentava as casas de jogo, jogava frequentemente e perdia sempre.

Como vivia? era um mysterio.

Na manhã em que Didier se lhe apresentou em casa, o conde ia sahir.

— A sua visita me é tanto mais grata, disse elle a Jorge, quanto o senhor não é prodigo para comigo em semelhantes obsequios...

— O motivo que aqui me traz é imperioso, interrompeu Didier em tom incisivo, e desejo que acabemos com isto quanto antes.

— Diabo! é então grave?

— Gravissimo.

— De que se trata?

— De um duello.

— Com quem?

— Com o senhor.

O conde recuou um passo.

— Acaso tem medo? perguntou ironicamente Didier.

— Não, mas admiro-me, respondeu o conde que se tornára sério; pois que enfim, para que a gente se bata é necessario haver motivos.

— Tenho-os.

— Mas eu os ignoro!

— Mente!

— Senhor!...

Didier conteve um gesto violento.

— Demais, continuou elle com voz mal refrejada, se o senhor carece absolutamente de razões para o duello que eu exijo, ser-me-ha facilimo dirigir-lhe publicamente um desses insultos que um homem de brio não pôde conservar impunemente na face.... comprehende?

— Perfectamente.

— Muito bem... As minhas testemunhas virão ter com as suas para regularem as condições do duello, e amanhã pela manhã nos encontraremos no logar marcado.

E, ditas estas palavras, Didier se retirou e recolheu-se á casa.

A perspectiva de uma vingança proxima ou de uma morte que o livrasse das torturas que soffria bastava-lhe para restituir-lhe a calma.

Na manhã seguinte, quando elle se preparava para sahir, bateram á porta.

Pensou que eram as suas testemunhas, e foi abrir. Achou-se em presença de Clotilde!

Ao vê-la, todo o sangue se lhe acendeu nas veias.

Clotilde estava extremamente pallida... Um circulo negro cingia-lhe os olhos grandes e profundos.... Jamais lhe parecera tão formosa.

— Ah! é então verdade!... exclamou a moça precipitando-se para elle. O senhor vai bater-se!

Jorge contrahiu as sobrancelhas.

— Quem lhe disse? perguntou em tom severo.

— Foi... eu soube-o...

— Pelo conde, não é verdade?

— Que está o senhor dizendo?

— Estou dizendo que a senhora tem-me illudido cruelmente, e quero matar o infame a quem devo a minha desgraça e a minha vergonha...

— O senhor não fará semelhante causa!

— Porque não?

— Porque seria odioso... porque eu não o consentirei... porque, emfim, poderia haver, em matar o conde, perigos de que o senhor não faz idéa...

A voz de Clotilde, ao pronunciar estas ultimas palavras, tornara-se ardente e rouca... os seus olhares desferiam como que relampagos, as suas mãos febris procuravam apoderar-se das do marido.

Didier estremeceu de espanto perante o espetáculo daquella natureza violenta que pela primeira vez se revelava desordenada, e, repellindo-a com força, sahiu sem lhe conceder nem uma palavra, nem um olhar.

Não tinha ainda fechado a porta, quando atraz de si ouviu um grito de raiva que sua mulher deixava escapar.

Todavia não passava isto de um incidente que não podia mudar o curso dos acontecimentos.

No mesmo dia deu-se o encontro, e o conde des Aiglades recebeu em cheio, no peito, uma estocada que o pôz ás portas da morte.

Durante seis meses, a sua vida esteve em perigo; um inverno inteiro se passou sem que o tornasse a ver nos salões que elle estava habituado a frequentar.

Acabaram até por esquecer-o, e teriam tambem esquecido Jorge Didier, se um facto inesperado não viesse chamar novamente a attenção sobre elle.

Após o seu duello com o conde des Aiglades, Jorge procurará nas distracções excentricas da vida pariziense um esquecimento para o pezar que lhe minava surdamente a existencia.

Não via mais Clotilde, ocupava-se com cavallos, com theatros e corridas, encontravam-n'lo em toda a parte onde havia multidão.

Durou isto tempo bastante para diminuir consideravelmente a sua riqueza e comprometter mesmo o seu credito.

Depois, chegou um dia em que toda essa desordem cessou—sem razão apparente—e em que Jorge desapareceu de todo.

Que fim levára? Perdiham-se em conjecturas; sabia-se que elle não tinha sahido de Pariz, mas ignorava-se o motivo que o fizera renunciar aos seus prazeres ruidosos.

Estavam as cousas neste pé, quando o conde des Aiglades, então restabelecido, penetrou uma noite no palacete de Didier.

Clotilde esperava-o.

— Então o que há? disse ella apenas o avistou.

— Simplesmente que, respondeu o conde, Didier caminha para uma ruina certa, e, se a senhora não o detiver no declive, em menos de dous annos elle não possuirá mais nada.

— Que fazer então? perguntou a moça, que instinctivamente baixou a voz e cujo olhar se tornou fixo.

— Já não lh'o disse? respondeu o conde.

— O senhor fallou-me em veneno...

— E a senhora hesita?

— Tenho medo... o veneno deixa vestigios, e quanto mais penso nisso...

O conde aproximou-se da moça.

— Ora vamos, desse elle, responda-me uma ultima vez: quer que eu a torne livre?

— Oh! sem duvida.

— Não me censurará depois pelo que eu houver feito por sua causa?

— Que quer então fazer?

— Dir-lh'o-hei quando fôr occasião, confie-me o cuidado de seus interesses, e antes de um mez estará livre de Didier, eu lh'o prometto, sem que nem a senhora nem eu possamos ser incomodados a esse respeito. Quer?

A moça deixou cahir um olhar indolente no seu interlocutor.

— Faça, disse ella, faça o que entender; de ora em diante, aquelle homem me é odioso, quero quebrar a cadeia que prende a minha á sua existencia, e abençoarei aquelle que me libertar.

O conde beijou a mão da moça.

— Bem!... disse elle; conheço a pessoa que vai libertala.

— Quem é?

— Mora na rua Soly, e vou daqui ter com ella.

III

Ha em Pariz, diz Balzac, ruas deshonradas tanto quanto o pôde ser um homem culpado de infamia. Ha ruas de má companhia, ruas honestas, ruas assassinas, ruas de aspecto tão estranho que a gente sente tentações de attribuir-lhes qualidades humanas.

A rua Soly tem esse aspecto. E' sombria e irregular, e a gente a si proprio pergunta, ao atravessal-a, que existencias mysteriosas se escondem por traz daquelas paredes humidas.

Pelas alturas do meio dessa rua ergue-se uma casa estreita, tendo apenas duas janellas em cada andar, e cuja fachada dissora o vicio, a miseria ou o crime.

No pavimento terreo, á toda a hora do dia brilhava uma luz por traz das cortinas de ganga encarnada; por cima da porta de entrada, uma lanterna de vidros fôscos indicava que se pernoitava alli; o resto da casa, até ás aguas furtadas, jazia mergulhado na mais completa escuridão.

Demais, pouco movimento se notava naquella habitação: alguns hospedes passageiros, ou que tinham occupações inconfessaveis; apenas dous ou tres inlinhos suspeitos, que jamais eram vistos á noite, e que de dia se trancavam cuidadosamente em seus covis.

Sómente desde algum tempo antes se apresentara um novo inquilino, cujos modos muito haviam intrigado a tia Germana, que estava incumbida da guarda e vigilancia da casa.

Esse inquilino era um homem de seus trinta annos de idade, trajado com gosto severo, e que vinha de

vez em quando passar algumas horas em uma das águas furtadas da casa, em companhia de uma moça.

Todas as vezes que se retirava, não deixava nunca de depôr dous luizes nas mãos da tia Germana, e esta não queria saber de mais nada!

O homem era Jorge Didier.

Quanto à mulher, ninguém lhe tinha visto o rosto.

Chegava envolta em um véo pela rua Pagevin, e sahia do mesmo modo velada pela rua Soly...

Pois que é uma das particularidades daquella rúa: todas as casas que têm números impares possuem duas abertas, pelas quais se entra ou sae indifferentemente.

Havia mais de um anno já que essas entrevistas duravam, sem que nenhum incidente tivesse vindo perturbar-as.

Ao lado do sotão que os dous amantes ocupavam havia um outro cujo inquilino já não era Didier encontrára, e pudera este até então acreditar que aquella parte da casa não era habitada.

Enganava-se.

Um dia, ouviu movimento daquela lado, e o seu espírito desassossegou-se.

Tinha sido tão feliz até então, que receiajava perturbasse a calma e o repouso de que fruia.

Descendo naquelle dia, interrogou a tia Germana.

— Com efeito, respondeu esta, é a primeira vez que esse inquilino se acha em casa à semelhante hora.

— Mas quem é esse homem? insistiu Didier.

— Não se sabe.

— Ha muito tempo que elle mora aqui?

— Sempre o conheci nesta casa.

— E que faz elle?

— Ignoro-o.

— Pois devia saber-o.

A tia Germana balançou a cabeça com ar suspeitoso.

— Pensei nisso muitas vezes, respondeu ella; tratei de indagar, e, pelo que me disseram, sou levada a crer que é um comprador de roubos.

— Isso é muito grave... E qual é o nome desse homem, como se chama?

— Elle é conhecido por uma especie de alcunha.

— Qual é?

— Chamam-no o *pai Trapeira*.

Didier reflectiu durante alguns momentos e disse depois:

— Essa vizinhança me desagrada, e não quero suportá-la por mais tempo... Aqui tem uma nota de mil francos.... Offereça-a para que esse homem se mude, e, se elle aceitar, desejo não encontrá-lo mais aqui quando eu voltar.

A tia Germana recebeu a nota e prometeu desempenhar a comissão de que a incumbiam.

Poz-se por conseguinte a esperar o *pai Trapeira*, e quando o viu descer apressou-se em ir ao seu encontro.

Mas, logo às primeiras palavras que ella lhe disse ácerca da proposta de Didier, o homem meneou a cabeça e fez um gesto equivoco.

— Oh! oh! disse com singular sorriso; parece que incommodo a esse senhor!... Bem, havemos de ver... havemos de ver.

— Aceita o que elle lhe propõe? insistiu a velha.

— A cousa pede reflexão, tia Germana; preciso consultar-me, e elle ha de conceder-me um pequeno prazo.

— E' que o homem tem pressa.

Bem, diga-lhe que me fallou, e que antes de oito dias tudo estará arranjado com satisfação geral.

E, ditas estas palavras, o *pai Trapeira* comprometou a velha e desapareceu pela rua Pagevin.

A resposta pouco agradou a Didier, e, reflectindo,

julgou elle mais prudente mudar para outra parte o ninho de seus misteriosos amores.

Unicamente faltou-lhe tempo para pôr em execução o seu projecto, e medonha catastrophe veiu repentinamente arruinar-lhe a felicidade e despedaçar-lhe para todo o sempre a existencia!

Eis em que circunstancias:

Uma noite, achava-se elle no sotão da rua Soly — onde aliás devia passar pouco dias mais — e apresentava com os mais ardentes votos o momento de abandonar aquele logar, que desde então havia perdido os seus encantos.

Um incidente viera aumentar-lhe naquelle mesmo dia as suas preocupações.

Na occasião em que ia entrar na casa, cruzára-se em caminho com um homem, que se afastara bruscamente para deixá-lo passar.

O corredor estava escuro... Mal se distinguiam os objectos; Didier não parou.

Fosse, porém, instinto, fosse presentimento, parecera-lhe ter reconhecido o conde des Aiglades.

Nenhuma certeza tinha a esse respeito; unicamente, quando chegou ao sotão, o coração lhe batia com força e mortal pallidez tinha-se-lhe espalhado no semblante.

— Jorge! exclamou a moça, que o estava esperando: que aconteceu?

— Nada, nada, Helena... minha filha... respondeu Didier. E' esta casa que se me tem tornado odiosa!.. oh! abençoado será o dia em que a deixarmos.

— Será em breve, não é verdade?

— Em breve, sim, eu te juro!

Puzeram-se depois a fallar em mil diferentes cousas; a hora passou rapidamente... Ouviram logo bater meia-noite.

A moça levantou-se.

— Já! disse Jorge.

— E' necessário, respondeu ella.

— Mas tornarei a ver-te?

— Se eu não voltar, é que estarei morta.

Assim fallando, a moça tinha posto uma capa aos hombros e descido o véo sobre os olhos.

Deu depois um passo em direcção á porta.

Quasi no mesmo instante, porém, estacou aterrada, tremula, gelida de terror.

Um grito de angustia, um appello supremo acabava de erguer-se do sotão vizinho.

— Deus do céo! balbuciou ella com voz alterada.

Didier tomou-a nos braços.

— Vem! disse-lhe; vem! não te demores nem mais um momento aqui!

— E tu? implorou a moça.

— Nada receies... Parte, eu te supplico... Toma o meu coupé que está á porta, e, juro-te, eu te seguirei de perto.

Assim dizendo, arrastou a moça até o pavimento terreo, fel-a entrar no carro que a esperava, e, logo que a viu desaparecer, subiu de novo a escada com rapidez e correu para a agua-furtada donde o grito partira.

A porta estava aberta.

Bastou-lhe empurrá-la para entrar.

O aposento achava-se mergulhado na mais completa escuridão. Elle deu alguns passos, tacteando, e chamou.

Um gemido lugubre lhe respondeu.

Jorge estremeceu.

Um ardor acre tomára-lhe desde logo a garganta... E, cousa mais terrível ainda talvez, os seus pés escorregavam a cada passo que elle dava no soalho viscoso e pegadiço.

Teve elle medo das trevas, medo também de uma especie de estertor que ouvia sibilante em torno de si.

Correu ao seu aposento, acendeu uma vela apressadamente, e, quando voltou, ficou possuído de espanto e de horror perante o quadro que se lhe ofereceu aos olhos.

(Continua no proximo numero.)